



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MILÉRIA ABRANTES DO NASCIMENTO

BULLYING NA ESCOLA: UM OLHAR INTRODUTÓRIO

CAJAZEIRAS-PB

2015

MILÉRIA ABRANTES DO NASCIMENTO

BULLYING NA ESCOLA: UM OLHAR INTRODUTÓRIO

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande - Campus de Cajazeiras, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^o: Ms. Belijane Marques Feitosa.

CAJAZEIRAS/PB

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

N244b Nascimento, Miléria Abrantes do

Bullying na escola: um olhar introdutório. / Miléria Abrantes do Nascimento. Cajazeiras, 2015.

38f. : il.

Bibliografia.

Orientador (a): Prof(a). Belijane Marques Feitosa.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Psicologia Educacional. 2. Bullying. 3. Educação. 4. Crianças.

I. Feitosa, Belijane Marques. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –37.015.3

MILÉRIA ABRANTES DO NASCIMENTO

BULLYING NA ESCOLA: UM OLHAR INTRODUTÓRIO

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande - Campus de Cajazeiras, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 04/12/15

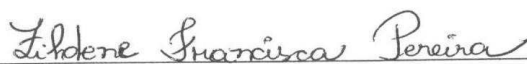
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ms. BELIJANE MARQUES FEITOSA (Orientadora)

Unidade Acadêmica de Educação

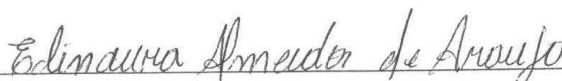
Universidade Federal de Campina Grande



Profa. Dra. ZILDENE FRANCISCA PEREIRA (Examinadora 01)

Unidade Acadêmica de Educação

Universidade Federal de Campina Grande



Profa. Ms. EDINAURA ALMEIDA DE ARAÚJO (Examinadora 02)

Unidade Acadêmica de Educação

Universidade Federal de Campina Grande

Profa. Ms. STELLA MÁRCIA SANTIAGO (Suplente)

Unidade Acadêmica de Educação

Universidade Federal de Campina Grande

MILÉRIA ABRANTES DO NASCIMENTO

BULLYING NA ESCOLA: UM OLHAR INTRODUTÓRIO

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande - Campus de Cajazeiras, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 04/12/15

BANCA EXAMINADORA

Belijane Marques Feitosa

Profa. Ms. BELIJANE MARQUES FEITOSA (Orientadora)

Unidade Acadêmica de Educação

Universidade Federal de Campina Grande

Zildene Francisca Pereira

Profa. Dra. ZILDENE FRANCISCA PEREIRA (Examinadora 01)

Unidade Acadêmica de Educação

Universidade Federal de Campina Grande

Edinaura Almeida de Araújo

Profa. Ms. EDINAURA ALMEIDA DE ARAÚJO (Examinadora 02)

Unidade Acadêmica de Educação

Universidade Federal de Campina Grande

Profa. Ms. STELLA MÁRCIA SANTIAGO (Suplente)

Unidade Acadêmica de Educação

Universidade Federal de Campina Grande

Ao meu amado Fabio Junior,
Com todo o meu amor e carinho.
A minha linda e amada filha Pâmela e
aos futuros filhos se assim DEUS permitir.
Aos meus pais, João e Josefa,
Ao meu irmão Marcos Antônio e ao meu
lindo sobrinho Noah.
A vocês minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Meu DEUS e SENHOR pela minha vida e pelo sacrifício que Cristo fizeste por mim na cruz. Por tudo o que Ele tem me proporcionado durante todo o meu trajeto acadêmico como na vida, a Ele seja dada toda Honra e Glória. Amém.

Certamente que são várias as pessoas a quem são merecidos os agradecimentos. Inicialmente ao meu Amado esposo Fabio Junior, pelo amor, carinho, compreensão e autoestima nas horas difíceis, pelas vezes que me estendeu a mão para me ajudar, os quais foram fundamentais principalmente neste período de escrita da Monografia, a você meu amor o meu muito obrigado. Também a minha amada filha Pâmela a quem o SENHOR me permitiu nesse momento tão importante.

Neste momento é difícil expressar com palavras os meus agradecimentos às pessoas que me deram a vida. A ti meu amado pai João agradeço por tudo o que fizeste desde o início de minha vida, por todo o seu amor, seu carinho, pela força de vontade de trabalhar para me proporcionar uma boa educação. A ti minha mãe amada agradeço por ter me gerado, pelo amor incondicional, pelas noites em claro, pela força em todos os momentos, pelos “nãos” nas horas certas e por ter me ensinado o caminho correto da vida. A vocês meus pais agradeço pelo que sou, pela educação que me destes e por ter me amado em todos os momentos.

A meu amado irmão Marcos Antônio pelas noites que mesmo depois de um dia de trabalho aguardava para ir buscar-me, pela ajuda financeira, enfim, em tudo o que precisei.

A minha orientadora Prof^oBelijane Marques exemplo de pessoa e educadora, obrigada pela confiança, por acreditar e me apoiar neste trabalho.

A minha Coordenadora Prof^oZildene Pereira pela contribuição neste processo de conclusão.

A meu avós, Otilia, Maria e Raimundo, a meus tios e tias.

A todos vocês o meu muito obrigado.

“Se uma criança vive com hostilidade,
Aprende a brigar.
Se uma criança vive com tolerância,
Aprende a confiar.
Se uma criança vive valorizada,
Aprende a valorizar.
Se uma criança vive com igualdade,
Aprende a ser justa.
Se uma criança vive com amizade e
carinho,
Aprende a encontrar o amor no mundo”.

(Autor Desconhecido)

RESUMO

O presente estudo intitulado *Bullying na escola: um olhar introdutório* teve como objetivo geral discutir as manifestações do fenômeno *bullying* no cotidiano escolar. A escolha da temática se deu a partir do Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental, onde foi possível observar que a prática do *bullying* se faz presente entre as crianças. Tomamos o cuidado de observar com rigor pois nem toda brincadeira pode ser considerada *bullying*, mesmo tendo esse cuidado percebemos sua incidência com comportamentos perpassados por agressividade, insultos, discriminação e exclusão da criança alvo, ocorrendo aparentemente sem uma motivação específica. Apesar da visibilidade recente em torno dessa questão, esse fenômeno não é novo na escola e sua manifestação pode sofrer influência de alguns fatores internos da escola tais como: o clima escolar, as relações interpessoais entre os alunos e entre professor-aluno, como também de fatores externos à escola, a saber: desestruturação familiar, falta de relacionamento afetivo, maus tratos e excesso de tolerância. O percurso metodológico utilizado foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema *bullying*, realização de entrevista semiestruturada com 03 (três) docentes, 02 (duas) coordenadoras e 02 (duas) gestores de uma Escola Municipal de Sousa/PB. Essa investigação se caracterizou como sendo de caráter qualitativo e exploratório.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*. Educação.

ABSTRACT

This study titled *Bullying at school: an introductory look* aimed to discuss the manifestations of bullying phenomenon in everyday school life. The choice of the theme was given from the Supervised Internship in early childhood education, where it was observed that bullying is present among children. We take care to watch carefully because not every play can be considered bullying, even though this care realize its incidence with perpassados behavior for aggression, insults, discrimination and exclusion of the target child, apparently occurring without specific motivation. Despite the recent visibility around this question, this phenomenon is not new to the school and its manifestation can be influenced by some school internal factors such as school climate, interpersonal relationships among students and between teacher and student, as well as factors outside the school, such as: family breakdown, lack of affective relationship, ill-treatment and excessive tolerance. The methodological approach used was constructed from a literature search on the subject of bullying, carrying out semi-structured interviews with 03 (two) teachers, 02 (two) coordinators and 03 (three) managers of a Municipal School of Sousa / PB. This research is characterized as qualitative and exploratory.

Keywords: Education. Bullying.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 BULLYING: UM POUCO DE HISTÓRIA.....	11
2.1 - Formas de bullying.....	16
2.2 - Identificando os personagens do bullying.....	17
2.3 - Consequências do bullying.....	20
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
4 TECENDO REFLEXÕES - ANALISANDO OS DADOS.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1INTRODUÇÃO

A violência é hoje um dos grandes males que perpassa a nossa sociedade. O bullying escolar, assunto aqui estudado, é uma forma de violência que se caracteriza por agressões físicas ou morais entre alunos, sejam crianças ou adolescentes, no interior da escola. Qualquer forma de agressão, de caráterrepetitivo, com o mesmo alvo, é considerada bullying.

Tomando como referência a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado é que optamos por desenvolver esse estudo. No momento do Estágio pudemos observar que algumas crianças "exageravam" nas "brincadeiras" com as outras, e que por vezes, esses comportamentos se repetiam com muita veemência e perpassados por muita agressividade, causando constrangimento em outras crianças de maneira que estas se isolavam, não saíam da sala nem para brincar no recreio.

O Estágio tornou-se um importante espaço para reflexões em torno da temática escolhida para este estudo, pois foi naquele momento que se tornou possível o questionamento em torno da violência entre os educandos dada a incidência dessa violência entre eles. Daí, consideramos importante desenvolver esse estudo com vistas a discutir o fenômeno bullying no cotidiano escolar.

Sabemos que a violência na primeira infância é uma realidade que não é considerada perante a sociedade, pois é tomada como sendo própria da faixa etária. Porém, quando sua ocorrência se torna repetitiva é um sinal de alerta. O contexto social no qual uma boa parte dos nossos alunos se encontra é de pobreza, desemprego e violência doméstica, há ainda a ocorrência de trabalho infantil, prostituição ou drogas as quais as crianças são expostas, submetendo-as a um entorno social e familiar perpassado pela violência.

Os meios de comunicação também contribuem quando influenciam as crianças através de jogos, filmes, desenhos violentos, que colocam a agressão como sendo uma estratégia para se resolver problemas, ignorando o diálogo.

Assim, podemos dizer que o bullying na educação tem se expandido nas diversas faixas etárias, o que denota a necessidade de se refletir sobre tal questão e buscar alternativas de minimizar sua incidência.

Em assim sendo, se faz necessário desenvolver de maneira planejada, com gestores, coordenadores e docentes práticas pedagógicas que possam vir a contribuir para com a minimização do bullying no ambiente escolar, espaço reconhecidamente importante na formação de valores de nossos educandos.

Sabemos que a violência escolar é questão que requer um olhar atento dos profissionais da educação pois a escola é um espaço onde as diferenças se encontram e se manifestam, e em sendo assim, também é um espaço de conflitos que devem ser discutidos, evidenciando nas práticas escolares cotidianas a importância do respeito com o outro, com o diferente.

Dessa forma, o problema desse estudo se originou do seguinte questionamento: qual o papel do professor, do coordenador e do gestor, diante do fenômeno bullying quando ele se manifesta na escola? Com vistas a responder tal questionamento temos como objetivos: discutir as manifestações do fenômeno *bullying* no cotidiano escolar; compreender a concepção e o significado do fenômeno *bullying*; refletir sobre o papel do professor, do coordenador e do gestor diante do fenômeno; verificar nas ações da escola observada o que é feito para prevenir e combater o *bullying* no cotidiano escolar.

Nesse sentido, este estudo está assim dividido: no primeiro capítulo desenvolvemos um breve histórico sobre o bullying, com o intuito de nos aproximar da temática estudada.

No segundo capítulo procuramos traçar o percurso metodológico que deu suporte ao desenvolvimento da pesquisa, onde optamos por entrevistas semiestruturadas e observação na escola.

No terceiro capítulo, analisamos os dados coletados com as docentes, as coordenadoras e as gestoras que atuam na escola alvo desse estudo.

Nas considerações finais, a partir das falas dos sujeitos desse estudo e das leituras realizadas procuramos evidenciar a compreensão que os envolvidos na pesquisa tem sobre bullying e como a escola, através dos seus profissionais lida com esse fenômeno na perspectiva de enfrentamento e minimização de tal prática entre os seus educandos.

2 BULLYING: UM POUCO DE HISTÓRIA

Uma criança ou adolescente que emprega a força física ou o ataque psicológico, que proporciona a seus pares qualquer tipo de humilhação, apresentando um conjunto de condutas que causa nos outros situações constrangedoras, carece de ser observado, analisado e ajudado, pois já ocorre a partir desse comportamento a caracterização da violência. O Núcleo de Estudos e Pesquisas Simbolismo-Infância-Desenvolvimento – NEPSID traz em seu site o tema, desenvolvido por Adriana Friedmann, que nos diz que:

A violência é um fenômeno complexo que não pode ser reduzido ao crime e à violência institucional. Refere-se a uma conduta de abuso e poder, muitas vezes invisível e/ou encoberta, que envolve situações de força e tensão, assimetria e desigualdade social, danosas para a constituição do indivíduo e da sociedade. Violência na primeira infância diz respeito, tanto à manifestação física como a situações de humilhação, exclusão, ameaças, desrespeito, indiferença, omissão para com o outro. (2015, s.p.)

Observamos a partir de tal afirmação que são muitas as situações problemas que podem ser vivenciadas por uma criança, levando-a a desenvolver princípios distorcidos, alterando a sua essência e transformando-a em uma possível integrante do fenômeno bullying.

Atualmente observamos em nossa sociedade e nas escolas índices de violência e agressividade elevados, formas hostis de tratar o ser humano, manifestando-se nas escolas, de maneira, as vezes velada, outras não, preocupando os que fazem a educação e a sociedade. Fante (2005, p. 168), uma estudiosa desse fenômeno coloca que:

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. Sabemos ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiares, socioeducacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais.

A partir da década de 70, no século XX, começou-se a observar um aumento da agressividade e da violência escolar (SZYMANSKI et al, 2002 apud FANTE, 2005). De acordo com a ABRAPIA - A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência durante a década de 90, aconteceu na Europa, um número considerável de pesquisas e campanhas que conseguiram reduzir a incidência de comportamentos agressivos nas escolas.

Tudo teve início com os trabalhos do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-BULLYING nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de BULLYING, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema. (2008, s.p.).

A esse respeito Fante ressalta que:

O despertar para a gravidade desse comportamento teve início primeiro na Suécia e anos depois na Noruega, onde a questão se tornou tema de estudos científicos. O pesquisador norueguês Dan Olweus, professor da Universidade de Bergen, reconhecido internacionalmente como pioneiro nas investigações sobre o fenômeno, observou os altos índices de suicídio entre os estudantes e constatou a relação com o *bullying* na escola. (2005, p. 21).

O termo *bully*, de acordo com o dicionário Michaelis – Moderno Dicionário Inglês, significa “brigão” e no verbo transitivo “ameaçar, amedrontar, intimidar”. O *Bullying* é conhecido de maneira geral somente por esse nome. Portanto, oriundo da expressão *bully*, ele engloba nas suas ações, o aterrorizar, intimidar, perseguir, humilhar, apelidar. É uma atitude de comportamento agressivo e intimidador tendo como característica principal a intenção.

Daí, surge a palavra *bullying*, que, de acordo com Fante (2005, p. 28): é “[...] o termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar.

Vários autores se referem assunto de forma distinta, mas na mesma perspectiva. Para Middleton-Moz e Zawadski, “[...] o bullying envolve atos, palavras ou comportamentos prejudiciais intencionais e repetidos”. Para elas:

Os comportamentos incluídos no bullying são variados: palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento, ..., socos, agressões, chutes, ameaças, insultos, ostracismo, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero. (2007, p. 21).

Em nosso país, também se utiliza este termo de forma geral, relacionando-o aos comportamentos repetitivos, agressivos e por vezes dissimulados, apresentados por aquele que se considera “valentão”. Considerando a repetitividade dos atos de violência, o “valentão” elege uma vítima, que não consegue se defender, tímida, que cala e não pede ajuda, submetendo-se a situações de violência. As vítimas sofrem com essas atitudes agressivas e humilhantes, que lhes intimidam, impedem-nas de buscar ajuda não apresentando reação por não saberem lidar com a situação e, pela posição de impotência em que as colocam, acarretando e/ou agravando sentimentos de baixa auto-estima.

O bullying é um fenômeno, que pode causar sérios problemas às crianças na escola. É formado por atos agressivos, físicos ou morais, de um ou mais alunos contra outro, geralmente sem motivo. Cléo Fante, em seu livro “Fenômeno Bullying: a prevenção começa pelo conhecimento”, assim o define:

Conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, adotados por um ou mais alunos contra outro(s), sem motivação evidente, causando dor, angústia e sofrimento, executados em uma relação desigual de poder, o que possibilita a vitimização. (2005, p. 34).

A autora acima citada menciona o bullying por outro ângulo, não menos importante:

Bullying é uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão. Esse termo conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, e é utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre violência escolar. Podemos considerar o bullying como um fenômeno novo, porque vem sendo objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas, despertando a atenção da sociedade para suas conseqüências nefastas, uma vez que se evidencia pela “desigualdade entre iguais”,

resultando num processo em que os “valentões” projetam sua agressividade com requintes de perversidade e de forma oculta dentro de um mesmo contexto escolar. Por outro lado, considera-se o bullying com um fenômeno bastante antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas – onde os “valentões” continuam oprimindo e ameaçando suas vítimas, por motivos banais – e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais de educação.(op. cit. p. 47).

Esse tipo de situação acontece em muitos ambientes escolares, de diversas maneiras e pelos mais variados motivos. Os adultos tendem a considerar como sendo um comportamento normal para a idade, mas não é assim, a realidade é outra no interior das instituições escolares. São comportamentos que tem sua variação no que diz respeito ao nível das agressões, mas, causam danos e sofrimentos emocionais aos envolvidos, então não tem como ser considerado como um comportamento normal.

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência - ABRAPIA, aborda o assunto e põe em prática programas com o intuito de diminuir os casos existentes e também trabalhar com a prevenção. Sua definição para o termo bullying é:

A agressividade entre alunos não é um comportamento recente, já existe há anos, causando nas vítimas, retraimento, baixa auto-estima, insegurança, depressão, isolamento e a queda do rendimento escolar. O estado emocional da vítima pode ser afetado a ponto de que ela opte por soluções trágicas como o suicídio ou o homicídio, como se tem visto em alguns casos extremos, apresentados na mídia, neste início de século, no Brasil e em outros países. Em situações mais discretas, mas não menos nocivas, essas vítimas, podem também, posteriormente, tornarem-se agressores de colegas considerados mais fracos e indefesos. Essas relações desestruturadas trarão reflexos ao longo da vida desses alunos, tanto vítimas quanto agressores, e suas conseqüências estão diretamente ligadas com o futuro profissional, uso de drogas, violência, tanto sexual quanto doméstica e crimes contra o patrimônio. (ABRAPIA, 2015, s.p.)

Calhau, em artigo escrito para a Revista Jurídica Consulex, faz a seguinte consideração sobre o bullying, dizendo que:

Não se trata aqui de pequenas brincadeiras próprias da infância, mas de casos de violência, muitas vezes praticada de forma velada no interior das salas de aula, nos corredores, pátios de escolas ou até nos seus arredores, de forma repetitiva e com desequilíbrio de poder, podendo causar danos psicológicos à criança e ao adolescente, que,

posteriormente, facilitarão sua entrada no mundo do crime. (Idem, 2008, p. 46).

Observamos que, uma boa parte das pessoas pensam que o bullying é simplesmente uma brincadeira onde se coloca apelidos em pessoas e que acontece apenas no cotidiano da escola. Atribuímos essa maneira de pensar ao desconhecimento, a desinformação em torno dessa questão, pois o bullying pode ocorrer nos mais variados espaços sociais. De acordo com Dan Olweus, citado por Tiago Dantas, este fenômeno é caracterizado por seu caráter ofensivo, repressivo e agressivo realizado de maneira repetitiva e ocorrendo em vários ambientes, a saber: escolas, universidades, local de trabalho e até mesmo entre vizinhos.

Existem muitas formas de se praticar o bullying e embora algumas pessoas tomem a situação como apenas uma brincadeira, não é tão difícil identificar sua prática. Por vezes, o que se denomina uma brincadeira, pode ser o começo de uma agressão, que pode ter tomar dimensões terríveis para quem a sofre. A esse respeito Makaron afirma que:

Ofensa não é brincadeira. Intimidação não é brincadeira. Mentir com intuito de “ferrar” alguém, não é brincadeira. Porque o bullying não é brincadeira. É um tipo de atentado à integridade psíquica, física e social infringido a alguém que será considerado e tratado como uma vítima. E deve se sentir assim. Vai perder todas. Não vai ter razão. Vai ficar à espreita. Portanto é vítima dos ataques do agressor e vítima de si própria pois se sente impotente para fazer frente ao agressor e se colocar com integridade nas situações. (2015, s.p.).

De acordo com Dantas, existem várias maneiras de maltratar: fisicamente (bater, chutar, beliscar); verbalmente (apelidar, xingar, zoar); moralmente (difamar, caluniar, discriminar); sexualmente (abusar, assediar, insinuar); psicologicamente (intimidar, ameaçar, perseguir); materialmente (furar, roubar, destroçar pertences); e virtualmente (zoar, discriminar, difamar, através da Internet e celular).

A brincadeira extrapola o sentido do brincar quando favorece comportamentos humilhantes para quem dela é vítima, passa a ser apenas o início de uma série de situações violentas, opressoras, constrangedoras. A esse respeito, concordamos com Silva (2008, s.p) quando coloca que:

Estudos indicam que as simples “brincadeiras de mau-gosto” de antigamente, hoje denominadas bullying, podem revelar-se em uma ação muito séria. Causam desde simples problemas de aprendizagem até sérios transtornos de comportamento responsáveis por índices de

suicídios e homicídios entre estudantes. Mesmo sendo um fenômeno antigo, mantém ainda hoje um caráter oculto, pelo fato de as vítimas não terem coragem suficiente para uma possível denúncia. Isso contribui com o desconhecimento e a indiferença sobre o assunto por parte dos profissionais ligados à educação. Pode ser manifestado em qualquer lugar onde existam relações interpessoais.

Percebemos assim que o bullying é muito sério e não deve ser considerado e tratado como brincadeira, deixa de ser brincadeira quando fere e machuca o outro, e precisa ser evitado.

2.1 Formas de bullying

Os casos de Bullying têm crescido a cada dia, neste cenário de violência os envolvidos tem buscado cada vez mais maneiras distintas para atingir suas vítimas. Assim, de acordo com estudos desenvolvidos, destacam-se alguns tipos mais frequentes do bullying, tais como: o físico, o verbal, o social e relacional. Com o avanço e acesso da internet, uma nova maneira de praticar o bullying surgiu, sendo chamada de cyberbullying.

O mais claramente perceptível é o bullying físico. De acordo com Beane, ocorre quando se manifesta através das seguintes situações:

Bater, dar tapas, cotoveladas e empurrões com os ombros. Empurrar, forçar com o corpo, colocar o pé na frente. Chutar. Tomar, roubar, danificar ou desfigurar pertences. Restringir. Beliscar. Enfiar a cabeça da outra criança no vaso sanitário. Enfiar outra criança no armário. Atacar com comida, cuspe, e assim por diante. Ameaças e linguagem corporal intimidadora. (2010, p. 19-20)

O bullying verbal acontece quando ocorre um ou mais desses exemplos de comportamentos: “Apelidos ofensivos. Comentários insultuosos e humilhantes. Provocação repetida. Comentários racistas e assédio. Ameaças e intimidação. Cochichar sobre as crianças pelas costas.” (BEANE, 2010, p.21).

A denominação agressão relacional foi utilizada por Nicki Crick, da Universidade de Minnesota (EUA), para descrever a utilização das relações interpessoais para humilhar, denegrir, diminuir o outro. A esse respeito, Beane coloca que essa forma de bullying pode ser observada diante das seguintes situações:

Destruir e manipular relacionamentos (por exemplo, jogando melhores amigos um contra o outro. Destruir reputações (focar, espalhar rumores maliciosos e cruéis e mentir sobre outras crianças). Excluir o indivíduo de um grupo (rejeição social, isolamento). Constrangimento e humilhação. Linguagem corporal negativa, gestos ameaçadores. Pichação ou bilhetes com mensagens ofensivas. Cyberbullying (feito em páginas na web, e-mail, mensagens de texto e assim por diante). (Op. cit. p. 22).

Atualmente, temos observado vários casos de violência na escola que por vezes passam despercebidos, contudo devemos considerar que são situações que podem marcar a vida de um(a) aluno(a) pela sua vida afora. Quem de nós já não foi "zoadado", apelidado, presenciou atos de violência ou a praticou? Segundo Fante (2005, p. 44), essa violência "é um fenômeno mundial tão antigo quanto à própria escola". Nos dias de hoje, ultrapassa os limites da escola, como a prática do cyberbullying. Cabral assim o define:

O cyberbullying é um tipo de bullying melhorado. É a prática realizada através da internet que busca humilhar e ridicularizar os alunos, pessoas desconhecidas e também professores perante a sociedade virtual. Apesar de ser praticado de forma virtual, o cyberbullying tem preocupado pais e professores, pois através da internet os insultos se multiplicam rapidamente e ainda contribuem para contaminar outras pessoas que conhecem a vítima. Os meios virtuais utilizados para disseminar difamações e calúnias são as comunidades, e-mails, torpedos, blogs e fotologs. Além de discriminar as pessoas, os autores são incapazes de se identificar, pois não são responsáveis o bastante para assumirem aquilo que fazem. É importante dizer que mesmo anônimos, os responsáveis pela calúnia sempre são descobertos. (2008, s.p.)

Percebemos assim, que o bullying age das mais variadas formas, através do meio físico, verbal, social e/ou relacional, sendo que a forma mais nova é a prática do cyberbullying que é extremamente difícil de ser controlado.

2.2 Identificando os personagens do bullying

Fante (2005) apresenta cinco papéis desenvolvidos pelos alunos(as): vítima típica, vítima provocadora, vítima agressora, agressor e espectador. As vítimas típicas, em geral, não reagem as provocações e não pedem ajuda ao professor, aos colegas, ou aos pais.

Suas características mais comuns são: aspecto mais frágil que o de seus companheiros; medo de que lhe causem danos ou de ser fisicamente ineficaz nos esportes e nas brigas, sobretudo, no caso dos meninos; coordenação motora deficiente, especialmente entre os meninos; extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixo auto-estima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. (FANTE, 2005, p.72).

Além da vítima típica, existem ainda dois tipos de vítima: a provocadora, que age de maneira impulsiva e abusada, mas não consegue se defender quando é agredida ou insultada, e a vítima agressora, que um dia já foi agredida e insultada e passa a agredir, buscando um alvo para maltratar.

Sobre o alvo do bullying a ABRAPIA (2015, s.p.) afirma que:

Os alvos são pessoas ou grupos que são prejudicados ou que sofrem as conseqüências dos comportamentos de outros e que não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos contra si. São, geralmente, pouco sociáveis. Um forte sentimento de insegurança os impede de solicitar ajuda. São pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se adequarem ao grupo. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns crêem ser merecedores do que lhes é imposto. Têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a simular doenças. Trocam de colégio com freqüência, ou abandonam os estudos. Há jovens que acabam tentando ou cometendo o suicídio.

A vítima do bullying é discriminada por apresentar alguma característica diferente, alguma coisa que propicia o preconceito de quem está no papel de autor do bullying. Qualquer diferença é útil para quem discrimina, seja étnica, religiosa, sexual, classe social, orientação sexual, ou por normas e padrões impostos pelo contexto social.

A vítima do bullying acostuma-se a reproduzir as agressões que sofre com outra pessoa que considera "inferior" na tentativa de provocar no outro os maus tratos recebidos. De acordo com Fante, "Essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, fazendo com que o *bullying* se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas." (2005, p.72). Ainda a esse respeito, Beane acrescenta que "São tipicamente mais fracas que os valentões da escola, mas são mais fortes do que aquelas que os subjagam." (2010, p.25). Ou seja, a vítima agressora sofre bullying e passa a reproduzir a violência sofrida para os alunos considerados mais "fracos" por ela.

O agressor é o que pratica o bullying desenvolvendo uma relação de poder sobre a vítima. A esse respeito, Lopes Neto, quando fala do autor de bullying, coloca que:

O autor de *bullying* é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos anti-sociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Além disso, pode existir um "componente benefício" em sua conduta, como ganhos sociais e materiais. São menos satisfeitos com a escola e a família, mais propensos ao absentismo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, etc). As possibilidades são maiores em crianças ou adolescentes que adotam atitudes anti-sociais antes da puberdade e por longo tempo. (NETO, 2005, s.p.).

O agressor, em geral, não age sozinho, mas com a anuência e cumplicidade de outros colegas, utiliza-se do poder para aterrorizar e juntar seguidores que também se sentem ameaçados, e por isso, em alguns casos, juntam-se ao agressor para não tornarem-se vítimas. Esse agressor pode também ter sido uma vítima de bullying.

O autor do bullying quer mostrar que tem domínio e força sobre os outros e sua vítima é escolhida dentre os mais fracos, ou os que apresentam algum tipo de diferença em relação aos outros. Os que sofrem de timidez, os gordos, os magros, os que usam óculos, os que estão a pouco tempo na escola, os que tem alguma deficiência, são algumas das vítimas daquele que se mostra o líder perverso da escola. Ele planeja seus atos, tudo muito bem pensado na perspectiva de atingir sua vítima, sem nenhum motivo, o que conta é a vontade de mostrar que é ele que manda, que pode mais que o outro.

Aquele que vitimiza os mais fracos. O agressor, de ambos os sexos, costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente, é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar os conflitos. O agressor normalmente se apresenta mais forte que seus companheiros de classe e que suas vítimas em particular; pode ter mesma idade ou ser um pouco mais velho que suas vítimas; pode ser fisicamente superior nas brincadeiras, nos esportes e nas brigas, sobretudo no caso dos meninos. Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe. Pode vangloriar-se de sua superioridade real ou imaginária sobre outros alunos. É mau caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações. Custa adaptar-se às normas; não aceita ser contrariado, não tolera os atrasos e pode tentar

beneficiar-se de artimanhas na hora das avaliações. É considerado malvado duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas. Adota condutas anti-sociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool. Seu rendimento escolar, nas séries iniciais, pode ser normal ou estar acima da média; nas demais séries, em geral ainda que não necessariamente, obtém notas mais baixas e desenvolve atitudes negativas para com a escola. (FANTE, 2005, 73).

De acordo com leituras realizadas, o agressor também pode ser considerado uma vítima das circunstâncias, do que o levou a praticar o bullying, das situações que viveu ou vive no espaço familiar. A criança ou adolescente que assim se comporta, carece tanto de ajuda quanto a que é a vítima dos seus maus tratos.

Espectador é aquele que presencia a violência imposta por quem pratica bullyingmas não reage de maneira eficaz, na maioria das vezes por medo de ser a próxima vítima, se cala diante da situação. De acordo com Lopes Neto (2005, p. 167):

A maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de bullying e geralmente se cala por medo de ser a "próxima vítima", por não saberem como agir e por descrerem nas atitudes da escola. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, transmitindo uma falsa tranquilidade aos adultos.

Constatamos que existem vários papéis desempenhados na prática do bullying escolar. É necessário que a escola e seus profissionais, junto com as famílias, possa desenvolver um olhar atento para tal situação e para os nossos alunos com vistas a desenvolver um trabalho mais eficaz, que busque minimizar tal prática e melhorar as relações interpessoais entre os alunos. Todos os envolvidos são importantes para que essa violência ocorra. Cada aluno possui o seu papel, e se faz necessário observá-los com atenção, cotidianamente, para que se torne possível o desenvolvimento de um trabalho que busque a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e respeitoso.

2.3 Consequências do bullying

As consequências do bullying são diversas. Ao contrário do que muitos pensam, não apenas as vítimas do bullying sofrem as consequências. Os agressores e as testemunhas também podem sofrer-las, tanto no âmbito relacional e emocional quanto no que diz respeito à aprendizagem.

Segundo Fante (2005) as consequências relativas ao bullying são muitas, e se relaciona à forma como as vítimas recebem as agressões, de como reagem a seus

agressores. De acordo com Fante (2005, p. 44), “as consequências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento e a evasão escolar”.

O bullying propicia danos variados a quem o sofre, que podem se estender pela vida afora e não apenas na escola. São danos que podem ser "carregados" pela vida toda, de difícil superação pois em grande parte dos casos as vítimas passam por essa violência e preferem calar por receio dos agressores e por constrangimento diante da situação, a esse respeito Fante acrescenta que as vítimas acabam "[...] tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais [...]." (op. cit. p. 16).

No que diz respeito a dificuldades de natureza emocional, Marchesi (2006, p. 82) acrescenta que:

As dificuldades emocionais dos alunos podem alterar suas relações sociais com professores e colegas e dificultar seriamente sua aprendizagem. Entre elas se encontram a percepção da falta de afeto, o isolamento social, a tristeza prolongada, o sentir-se marginalizado e maltratado.

Ainda nessa perspectiva, Lopes Neto (2005, s.p) afirma:

Pessoas que sofrem *bullying* quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos anti-sociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros.

Nesse sentido, compreendemos que se faz necessário que a escola e seus profissionais reconheçam o bullying como um fenômeno comportamental que atinge e vitimiza crianças e adolescentes, transformando-as em pessoas ansiosas e inseguras, não devendo ser banalizado, ignorado e considerado apenas como agressão e indisciplina, pois pode vir a contribuir para com a formação de pessoas que, em virtude dessa violência se tornem deprimidas, angustiadas e tenham pensamentos de suicídio, ou tornem-se extremamente violentas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para desenvolvermos uma pesquisa carecemos que algo nos inquiete a ponto de desejarmos procurar caminhos que nos levem a compreender o que está nos inquietando. Nessa perspectiva concordamos com Matos (2010, p. 21-22) quando afirma que:

A pesquisa é a atividade [...] que nos permite a aproximação e o entendimento da realidade que investigamos, e, além disso, nos fornece elementos para possibilitar nossa intervenção no real. Assim, pesquisar não representa apenas refletir e entender os fenômenos, liga-se diretamente a uma possível ação, que poderá ou não ser realizada.

Na parte inicial desse trabalho monográfico, toda a pesquisa desenvolvida foi do tipo bibliográfico. A pesquisa foi desenvolvida mediante a busca de conhecimentos acerca do tema aqui abordado, a partir de reflexões em torno de estudos referentes ao tema, em materiais bibliográficos. No que diz respeito à pesquisa bibliográfica, Matos (2002, p. 40) nos diz que esta “é realizada a partir de um levantamento de material com dados já analisados, como livros, artigos científicos, páginas de web sites, sobre o tema que desejamos conhecer.”

Posteriormente, optamos por uma pesquisa do tipo qualitativa, que, de acordo com Oliveira, a abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa é:

Um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados que deve ser apresentado de forma descritiva. (2010, p. 37).

Segundo Oliveira (2010), a pesquisa qualitativa se caracteriza pelos seguintes aspectos:

- O ambiente natural como fonte direta de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental;

- Possui caráter descritivo;
- Há por parte do pesquisador uma preocupação com os significados que os informantes atribuem às coisas e à vida;
- Possui enfoque indutivo.

Nesse sentido, considerando as características acima mencionadas, constatamos que esta atende aos propósitos deste trabalho acerca de um estudo introdutório sobre bullying com vistas a analisar o que pensam os profissionais da educação, docentes, coordenadores e gestores e sobre esse fenômeno e suas possíveis conseqüências para as relações interpessoais e o processo de ensino e aprendizagem na escola.

Assim, buscamos com este estudo investigar como a prática do bullying interfere no cotidiano da sala de aula em uma determinada escola localizada no município de Sousa, Paraíba, a partir da visão dos profissionais que atuam na instituição escolar.

A pesquisa foi realizada com sete profissionais que trabalham na escola, a saber: três docentes, dois coordenadores e dois gestores. Todos os sujeitos da pesquisa tem graduação em Pedagogia, sendo que uma está ainda cursando.

A coleta de dados foi realizada através de observação feita em sala de aula e no momento do recreio dos alunos, como também através de entrevista semiestruturada. A esse respeito concordamos com Oliveira (2010, p. 57) quando afirma que:

A entrevista é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador(a) e entrevistado(a) e obtenção de descrições detalhadas sobre o que está pesquisando. No entanto, é preciso que o entrevistador não interfira nas respostas do entrevistado(a), limitando-se a ouvir e gravar a fala dele(a).

No desenvolvimento da pesquisa buscamos elencar critérios que nos favorecesse no alcance dos objetivos propostos para esse estudo. Nesse sentido, optamos por determinar algumas categorias de análise: a percepção dos profissionais que atuam na escola sobre bullying, a influência do bullying nas relações interpessoais estabelecidas entre os alunos e as possíveis conseqüências para o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, a análise desenvolvida foi de natureza crítica e reflexiva, mediante as respostas dos sujeitos da pesquisa e confrontando-as com os estudos teóricos realizados.

4 TECENDO REFLEXÕES - ANALISANDO OS DADOS

Nesse capítulo foram desenvolvidas as análises referentes aos dados que foram coletados no decorrer da pesquisa. Tais dados foram analisados a partir dos seguintes eixos:

- O que os profissionais que atuam na escola alvo desse estudo entendem por bullying;
- Quais os tipos de bullying que eles conhecem;
- Como eles agem diante dos casos que presenciam;
- Quais as consequências do bullying para o processo de ensino e aprendizagem e para o relacionamento interpessoal entre os alunos;
- Como a escola combate o bullying.

No decorrer da pesquisa, durante o período de observação do comportamento dos alunos em sala de aula e da postura docente frente a esse comportamento, e aos conflitos existentes em sala de aula e no horário de recreio, foi possível verificar que existem conflitos entre colegas. Observamos ainda a existência de regras na sala de aula que são trabalhadas pelos docentes. Dentre essas regras destacamos:

- Não ir ao banheiro na hora da aula;
- Não conversar com o colega durante a aula, só com a permissão do docente;
- Não brigar ou agredir o colega;
- Respeitar o docente e os colegas.

Entretanto, constatamos que ocorre uma "quebra" nessas regras em virtude dos conflitos por nós presenciados em sala de aula e no horário de recreio entre os alunos.

Na escola, é importante que os profissionais que nela atuam, atentem para o valor das relações interpessoais, para a construção de um espaço que valorize a formação humana permeada por respeito ao outro e pelo outro, independente das diferenças existentes, para tornar esse espaço possível de desenvolver um processo de ensino e aprendizagem mais eficaz, como também um espaço de construção da humanização, do respeito, da convivência pacífica.

Indagamos aos sujeitos da nossa pesquisa o que eles entendem sobre bullying, obtivemos as seguintes respostas:

“[...]apelidos desagradáveis, [...] afeta né o eu da criança da pessoa do ser humano, [...] vamos dizer assim esse estado te lhe tirar do sério começa como brincadeira, isso é bullying é me tirar do eu e na escola hoje assim nessa escola a gente tem muito isso”.(Diretora A)

“Bullying é todo tipo de agressão a nossa paz interior, [...] Bullying sempre existiu, mas agora de uma forma mais digamos assim acirrada e aí essa coisa tem se tornado digamos assim mais efervescente tem se tornado mais acirrada.” (Diretora B)

“Eu entendo que são atos ofensivos palavras que a gente chama de apelidos são ações do dia a dia e essas ações elas tendem a ser repetitivas.”(Coordenadora A)

“O bullying no meu entendimento são situações de desrespeito, situações agressivas que causam constrangimentos quando essas situações acontecem assim de forma intencional e repetitivas”. (Coordenadora B)

“São atos de agressões repetitivos entre os alunos.” (Professora A)

“São modos de tratamentos usados para humilhar e denegrir a imagem do outro”.(Professora B)

“É uma maneira grosseira e inadequada que as pessoas sem ética e moral encontram para magoar e ferir os outros sem se importarem com seus sentimentos.”(Professora C)

Constata-se a partir das respostas, que para os profissionais que atuam na escolapesquisada há clareza sobre o que é bullying, embora também registramos que para alguns se limita à questão de "apelidos" entre os alunos. De acordo com leituras realizadas podemos inferir que a utilização de apelidos entre alunos, além de ser ofensivo e pejorativo, é apenas "uma porta de entrada" para a prática do bullying com violência exacerbada. Pois:

O bullying não pode ser caracterizado como conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas como verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com

violência física e psicológica, são repetidamente impostas a indivíduos. (CONSTANTINI, 2004, p. 69).

As características peculiares do bullying, o diferenciam das demais violências ocorridas no cotidiano das escolas e de outras instituições.

As autoras Tognetta e Vinha (2010) a fim de explicitar as diferenças entre o bullying e as demais formas de violência apontam cinco pontos cruciais nesta diferenciação, a saber:

- A primeira é a violência entre pares. Para que um ato seja designado por bullying faz-se necessário que haja uma violência entre duas pessoas;
- A segunda característica destacada pelas autoras é a repetição dos atos, e a escola é um lugar onde se tem uma frequência regular, os alunos alvos estão sempre expostos para seus agressores cometerem suas violências;
- A terceira característica é a intenção dos autores em praticar a ação violenta, os autores do bullying não agem de forma espontânea, ou seja, procuram suas vítimas e suas ações são bem planejadas e executadas de forma consciente;
- A quarta característica é a existência de um alvo, este por sua vez é escolhido por ser um alvo considerado fraco;
- A quinta característica é a presença de um público, de uma platéia para presenciar os atos de agressões sobre as vítimas, pois assim os agressores se sentem mais confiantes para prosseguirem a cometerem tais abusos de violência.

Para Middelton-Moz e Zawadski (2007, p. 21):

Os comportamentos incluídos no bullying são variados: palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento, ..., socos, agressões, chutes, ameaças, insultos, ostracismo, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero.

Nesse sentido, podemos constatar que o bullying é uma prática violenta que ocorre em situações cotidianas, que por vezes passam despercebidas aos olhos dos profissionais da educação, muitas vezes pelo desconhecimento de como agir e outras por considerar as agressões como meras brincadeiras infantis.

Os profissionais que atuam na escola, portanto, devem ser capacitados para lidar com os casos de *bullying*, pois estes, de acordo com estudos realizados podem interferir e influenciar diretamente no processo de ensino-aprendizagem, seja por meio da

desmotivação, da baixa auto-estima e/ou redução do rendimento escolar, responsável por parte do percentual de evasão escolar. Por isso, o bullying deve merecer uma maior atenção da escola para desenvolver atividade que favoreçam uma possível redução desse fenômeno.

Quando perguntados sobre os tipos de bullying por eles conhecidos, assim se colocaram:

“Como assim destratar, apelido é o que mais (pede ajuda as pessoas que estão próximo), indisciplina, eu acho que só.” (Diretora A)

“São vários ,os casos de muito apelido... de indisciplina mesmo, mas aqui na nossa escola no nosso meio é, eu acho que é mais entre os meninos do ensino fundamental I e II.” (Diretora B)

“A questão do gordinho chamar de baleia que é feio, a questão do cabelo ruim, de língua, de salsicha, que são as pessoas magras, na realidade eles procuram qualquer coisa que possa ofender de qualquer maneira.” (Coordenadora A)

“Na grande maioria é mais a questão do apelido quando as pessoas assim é ver em outros estereótipos certos, então o apelido a... pessoa gorda... É claro que existe outras, a questão assim da própria agressão física às vezes é com tanta intensidade que chega a ser além da verbal a física.” (Coordenadora B)

“Agressões verbais, físicas, psicológicas e materiais.” (Professora A)

“Apelidos e brincadeiras maldosas por diferenças entre os seres.”(Professora B)

“Verbais e físicos.” (Professora C)

A partir dessas falas podemos constatar que, para os profissionais que atuam na escola pesquisada, o bullying se relaciona com agressões verbais e físicas, e ao mesmo tempo, podemos perceber que por vezes a sua manifestação é reduzida por alguns desses profissionais à prática de "apelidos". Tais posições, na nossa compreensão dificultam o desenvolvimento de atividades no cotidiano da escola que possam vir a minimizar o problema, visto que este é confundido com agressão e/ou indisciplina.

O que se nota é, a pouca conscientização por parte da escola da existência do bullying. Os profissionais docentes, embora reconheçam as atitudes desenvolvidas no bullying, são aparentemente despreparados e não sabem por onde caminhar para lidar com o fenômeno, coordenadores e diretores minimizam o problema ou negam essa realidade.

Dada a complexidade da questão, é preciso que a escola e seus profissionais desenvolvam um olhar mais atento ao que acontece em suas salas de aula e nos demais espaços da escola, pois o bullying se manifesta das mais variadas formas e em todos os espaços da escola, e as consequências desses atos são muito graves, tanto para o espaço escolar, quanto para os alunos.

Sabemos que não podemos atribuir toda a responsabilidade à prática do bullying na escola aos profissionais que ali atuam porque existem fatores extra escolares que favorecem tal prática, mas consideramos importante que a instituição e seus profissionais desenvolvam atitudes que possam contribuir para que o ambiente escolar seja um ambiente favorável a aprendizagem e ao bom relacionamento interpessoal para todos, pois de acordo com Fante “[...] a única forma de obtenção de sucesso na redução do bullying é a cooperação de todos os envolvidos: alunos, professores, coordenadores e gestores.” (2005, p. 98).

Quando questionados sobre como agem diante dos casos de bullying na escola, assim se posicionaram:

“A gente conversa com a criança, a gente se preocupa, a gente vai mostrar a ele que não é dessa forma de bater, de chorar, de deixar de vim para a escola e... a gente fica conversando preocupado, conversa com os pais pede que em casa converse com eles porque não é fácil pra criança, ele fica com vergonha, ele fica retraído, ele se acha feio não quer se aceitar, então a gente tenta conversar. É uma situação complicada, perigosa de lidar.” (Diretora A)

“Olha pelo fato de sermos uma instituição, uma escola, um projeto que faz inclusão, o bullying é algo precisa ser trabalhado dentro de inclusão você precisa incluir com muita calma, com muita segurança, as pessoas que são agredidas por bullying porque elas ficam fragilizadas e na grande maioria das vezes elas também começam praticar o que sofreram pelo fato de ter sido agredida.” (Diretora B)

“Quando é o caso de chegar na coordenação a gente chama, trabalha, porque a escola em si não permite esse ato aqui dentro mas a gente sabe que tem os silenciosos que são os piores.” (Coordenadora A)

“Na realidade a gente não vai dizer assim que não existe, mas veja... é trabalhando assim, de forma mais direta, como hoje a gente esta sobre a coordenação de uma escola eu não vou te dizer que a gente consegue perceber situações graves, a gente consegue perceber situações que precisam ser trabalhadas para que ela não tome intensidade.” (Coordenadora B)

“Tento conscientizar a gravidade que tais atos podem provocar para um individuo que podem levar para vida inteira.” (Professora A)

“Procurro fazer com que percebam que devemos respeitar a diferença do outro através de exemplos reais, vídeos educativos e roda de conversa.” (Professora B)

“Como educadora tento conscientizá-lo através de roda de conversa e diálogos onde exponho de maneira clara e objetiva relatos de experiências de pessoas que tiveram sua vida marcada para sempre por conta de tais atos.”(Professora C)

O que se constata diante das respostas dos profissionais, é que a atuação diante de casos de bullying é uma atuação que não é pensada e trabalhada coletivamente pois vão desde uma "conversa", até à tentativa de conscientização na sala de aula.

Na nossa visão, atitudes individualizadas não conseguem se contrapor à prática do bullying, as atitudes tomadas diante da situação devem ser pensadas e desenvolvidas coletivamente, passando pelas práticas pedagógicas docentes em sala de aula e por projetos que possam ser desenvolvidos em toda a escola, buscando uma intervenção de maneira conjunta, buscando sensibilizar toda a comunidade escolar.

Nesse sentido, concordamos com Fante (2005, p. 106) quando coloca que:

Não existem soluções simples para se combater o bullying. Trata-se de um problema complexo e de causas múltiplas. Portanto, cada escola deve desenvolver sua própria estratégia para reduzi-lo. (...) A única maneira de se combater o bullying é através da cooperação de todos os envolvidos: professores, funcionários, alunos e pais. (2005, p. 106).

Assim, se faz necessário que a escola e seus profissionais atentem para a importância de desenvolver um trabalho coletivo para fazer frente às práticas de bullying, buscando trabalhar de maneira articulada com toda a comunidade escolar.

Quando questionados sobre quais as consequências do bullying para o processo de ensino e aprendizagem e para o relacionamento entre os alunos, assim responderam:

“A desistência, o desestímulo, o isolamento, a criança fica isolada não quer brincar porque se acha feio é o que mais a questão da agressividade fica agressiva ela quer bater porque quer revidar, atrapalha tudo, o relacionamento deles com eles é difícil, agressivo... e as vezes com o professor também.” (Diretora A)

“São várias, atrapalha tudo, o ensino, a aprendizagem, porque o aluno que sofre bullying começa até além de ser agredido, ele começa agredir o outro, e de imediato não é quem o agride ele se sente também adversário mas depois ele transfere isso para o outro que não fez nada, muita agressividade, ele transfere para o professor, é uma coisa que se expande tão rápido e que se espalha e que só sabe quem vê e convive.” (Diretora B)

“Com certeza o aluno que sofre o bullying ele tem é baixa estima, e com isso, por mais que as pessoas achem que é coisa simples mas afeta sim, o aluno que sofre bullying ele não tem concentração ele tá sempre preocupado se alguém vai mexer com ele, ele vai tá sempre na defensiva porque ele já... já vai ficar uma pessoa agressiva e as brigas aumentam entre eles.” (Coordenadora A)

“São muitas porque assim como o bullying tem como consequência baixar a autoestima da pessoa então uma pessoa que tem sua autoestima baixa ela consegue render pouco né assim a consequência é muito séria primeiro muitas vezes nem querem vir mais para a escola se isso acontece dentro da escola começa a apresentar comportamentos então ele não consegue se concentrar nem participar nem se envolver nas habilidades da escola isso também causa prejuízo no seu rendimento e eles ficam mais briguentos, então assim as consequências são sérias né, mas assim é como eu to lhe dizendo o nosso entendimento é que existe essas consequências e nós não percebemos que temos aqui casos estranhos como estes”. (Coordenadora B)

“Muitos alunos não conseguem lidar com tais pressões psicológicas e muitas vezes físicas e acabam não reagindo ou se isolando dos demais por se acharem diferentes, e outras vezes reagem também com agressividade.” (Professora A)

“Difículta muito, pois a criança não consegue se sentir bem tendo medo de se envolver.” (Professora B)

“As consequências são terríveis, pode ocorrer depressão, a pessoa não se sente capaz de enfrentar o preconceito e fica frágil ao ponto de se manter calada, sair da escola...” (Professora C)

Nas respostas das profissionais podemos ver que as consequências do bullying são danosas aos alunos, em virtude de que estimula outras formas de violência, estresse, deprime, compromete a autoestima, interferindo no processo de ensino e aprendizagem, podendo levar sua vítima a atos extremos de violência. Compromete ainda o convívio social entre os alunos e o seu processo de formação cognitivo, afetivo, relacional e social.

Nesse sentido, compreendemos como Fante que é preciso a escola e seus profissionais desenvolverem atividades que busquem inibir a prática do bullying, e, para isso acontecer, é preciso

[...] disseminar a cultura de paz em nossas escolas. Promover a inclusão e a integração dos alunos às dimensões da paz pessoal, da paz com o outro e com o meio ambiente, orientados pelo princípio da cooperação, da solidariedade, da tolerância e do respeito às diferenças. (Idem, 2005, p. 77.).

Dessa maneira, torna-se evidente a importância da escola e de seus profissionais procurarem desenvolver meios para enfrentar a prática do bullying com vistas a melhorar seu processo de ensino e aprendizagem, bem como favorecer o desenvolvimento de relações interpessoais pautadas pelo respeito ao outro.

Ao serem perguntadas sobre qual seria o papel de cada um deles em seus espaços escolares, bem como na escola como um todo, no sentido de evitar e/ou minimizar o bullying, afirmaram que:

“Eu acho que a direção de toda escola deve se preocupar muito com isso, pois afeta a escola todinha, então precisa de ter uns projetos pra tentar melhorar a situação. Aqui tem mais coisa de apelido, não é muito grave não.”(Diretora A)

“Eu acho que precisa todo mundo se unir, não adianta o professor cuidar disso só na sala de aula se a direção e a coordenação da escola não se envolver, e ainda tem que envolver os pais também.” (Diretora B)

“Fazer um trabalho que todo mundo participe.” (Coordenadora A)

“Juntar todo mundo, fazer projetos pra trabalhar na sala de aula e na escola toda.”
(Coordenadora B)

“Trabalhar incentivando o respeito pelo outro, todo mundo junto.” (Professora A)

“Desenvolver atividades que levem todos a se respeitar e conviver bem.” (Professora B)

“Procurar conscientizar da importância do respeito pelo outro, pelas diferenças.” (Professora C)

Entendemos perante os relatos dos profissionais que atuam na escola que é preciso desenvolver atividades significativas para promover um melhor processo de ensino e aprendizagem, bem como um melhor relacionamento interpessoal entre eles para se conviver bem.

Os autores por nós estudados ressaltam a importância da escola desenvolver um trabalho coletivo que possa envolver a todos, onde todos se articulem para se contrapor à prática do bullying. Segundo Lopes Neto (2005, s.p) "Todos devem estar de acordo com o compromisso de que o bullying não será tolerado".

Por fim, ao perguntarmos se a escola tem algum projeto elaborado de combate ao bullying, obtivemos as seguintes respostas:

“Trabalha nas campanhas, nas sextas feiras tem um projetinho “eu respeito o outro” então esse respeito o outro, eu me amo, musica, mostrando que ele aceita como ele é, Deus é o pai de todos a gente mostra que não tem diferença que o seu eu potencial esta

dentro de você, pode ser uma pessoa melhor; você pode vencer tudo o que esta a vista do outro isso pouco importa, é isso.” (Diretora A)

“Nós temos um projeto digamos repentinamente, nosso projeto é trabalhar com educação inclusiva, não existe um projeto diretamente para o bullying porque são coisas que surgem repentinamente e ai você vai parar para trabalhar sobullying não bem pudera trabalhar matemática , historia geografia mas o bullying é um germe que so ataca no momento resolveu aquele problema esclareceu conversou tentou apaziguar a deixa pra outro momento outro dialogo.” (Diretora B)

“A escola não trabalha com projetos se não a gente ia trabalhar o tempo todo com projeto porque é uma ação que tem que ser trabalhada todos os dias em todas as escolas então eu acho que ele não precisaria de um projeto é uma ação que tem que ser contínua desde o guarda até a merendeira aos profissionais que trabalham diretamente com eles em sala de aula a escola num contexto completo todo mundo tem de estar sempre em alerta pra se ver uma ação dessa já combater”. (Coordenadora A)

“É, não, pra falar a verdade assim um projeto especifico com esta temática nós não temos ainda certo? O que nós temos são projetos que trabalham esses aspectos que aqui eu coloquei, aspectos de valores que estes valores remetem a evitar as ações do bullying não temos um projeto especifico mas de certa forma nós trabalhamos esse aspecto quando em outros projetos a gente trabalha essas questões do respeito ao outro se a gente trabalha o respeito ao outro dentro das suas diferenças a gente procura ir combater as situações do bullying.”(Coordenadora B)

“Sim. Projeto de Leitura; Toda segunda- feira a escola para ler e faz a reflexão sobre diferentes gêneros textuais, que visa trabalha os diferentes aspectos da vida contemporânea.” (Professora A)

“Sim, através de seminários.” (Professora B)

“Não elabora, mas deveria ter um trabalho focado para esse tipo, começando na educação infantil que é a base da educação.” (Professora C)

Constatamos a partir das respostas apresentadas que, apesar de terem clareza acerca da importância de se trabalhar coletivamente para enfrentar o bullying, na prática não se efetiva tal preocupação.

Em sendo assim, entendemos que é preciso que a escola possa desenvolver um trabalho que contemple a participação de todos, pois só assim poderá ser possível melhorar o processo de ensino e aprendizagem e a convivência entre todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo, tivemos a pretensão de mostrar, ainda que de maneira introdutória, a prática do bullying na escola e suas possíveis consequências para o processo de ensino e aprendizagem e para as relações interpessoais no interior da escola.

Ao término deste trabalho podemos entender um pouco mais sobre esse fenômeno chamado bullying. Concluímos então, que o bullying escolar existe, é uma realidade pouco conhecida, acontece em qualquer escola, seja ela pública ou particular, e necessita de maior atenção por parte dos que fazem a escola.

Com esta pesquisa foi possível observar que o bullying é um assunto conhecido de maneira ainda um pouco superficial entre os profissionais que atuam na escola no que diz respeito ao reconhecimento de sua prática, o que é e o que não é bullying, sendo que estes tem um conhecimento mais aprofundado dos males que esta prática pode gerar nos alunos envolvidos, tanto no âmbito emocional e relacional, quanto na aprendizagem.

Nessa perspectiva, consideramos que a escola pode se configurar no espaço que pode vir a influenciar o processo de mudança de idéias, comportamentos e valores, tanto para os profissionais atuantes na escola, que precisam estar preparados para enfrentar o bullying, quanto para os alunos que poderão vir a melhorar o seu processo de aprendizagem, como também as suas relações interpessoais.

Verificamos a partir das análises das respostas dos sujeitos da pesquisa que é preciso desenvolver atividades que busquem construir uma escola melhor, que em seu cotidiano sejam evitadas práticas como o bullying que causam grandes problemas a todos os envolvidos.

As falas dos profissionais por nós entrevistados denotam a necessidade de conhecer melhor o fenômeno do bullying, para que se torne possível identificá-lo e interceder para minimizá-lo, investindo dessa maneira num espaço escolar e de sala de aula que tenha como base o respeito pelo outro, independentemente da diversidade ali existente.

Ressaltamos ainda a necessidade de que a escola e seus profissionais invistam em programas e projetos que possam vir a combater a violência escolar por meio da prática do bullying, fazendo da escola um espaço que permitirá à criança aprender a socializar-se, desenvolver responsabilidades, e se construir com o outro enquanto pessoa.

Sabemos que esta não é uma tarefa fácil, mas também não é impossível, pois acreditamos que com ética, compromisso e competência, se torne possível desenvolver um trabalho que possa fazer do espaço escolar um lugar de aprendizagem, convivência e prazer, onde todos possam se respeitar.

Esperamos que esse estudo venha contribuir para o conhecimento e a preocupação da sociedade e da escola em relação aos jovens envolvidos no bullying escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA - Associação Brasileira de Proteção à Infância e a Adolescência. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.** Disponível em: www.bullying.com.br - Acesso em 25/02/2015.

ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia. AVANCI, Joviana Quintes; (Org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação FIOCRUZ, 2010.

BEADOIN, M. N; TAYLOR. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola.** Porto Alegre : Artes Médicas, 2006.

BEANE, Allan. **Proteja seu filho do bullying: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles.** Tradução: Débora Guimarães Isidoro, Rio de Janeiro, RJ: Ed. BestSeller, 2010.

CABRAL, Gabriella. **Cyberbullying.** Disponível em: <http://www.brasile scola.com/sociologia/cyberbullying.htm>. Acesso realizado em: 20 de abril de 2015.

CALHAU, Lélío Braga. **Revista Jurídica Consulex**, Brasília, ano XII, n. 276, p. 46-47, jul. 2008.

CEMEOBES – **Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar.** Disponível em: http://www.bullying.pro.br/index.php?option=com_content&task=view&id=115&Itemid=48 acesso em: 7 de jun. 2015.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens.** Trad. Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova, 2004.

DANTAS, Tiago. **Equipe Brasil Escola.** Disponível em: <http://www.brasile scola.com/sociologia/bullying.htm> acesso em: 15 set. 2015.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** São Paulo: Verus, 2005.

LOPES, Neto A. A, **Bullying-comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal Pediatria. Rio de Janeiro. 2005. Acesso em: 27 mai. 2015.

MAKARON, Sônia. **Bullying: Como enfrentá-lo?** Disponível em: http://www.bullying.pro.br/images/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf Acesso em: 16 set. 2015.

MARCHESE, A. **O que será de nós, os maus alunos?.** Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Ed Artmed, 2006, 192 p.

MATOS, Kelma S. Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer/** Kelma S. Lopes de Matos, Sofia Lerche Vieira. - 2. Ed. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. *Bullying-Estratégias de Sobrevivência para Crianças e Adultos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NEPSID - Núcleo de Estudos e Pesquisas Simbolismo-Infância-Desenvolvimento.

NOGUEIRA, Rosana Maria C. P. A. A Prática de Violência entre Pares: O Bullying nas Escolas. **Revista Iberoamericana de Educación**. Disponível em: http://www.novacriminologia.com.br/noticias/banco_de_imagens/rie37a04.pdf

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Revista e ampliada - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SILVA, Geane de Jesus. **Bullying: Quando a Escola não é um Paraíso**. Disponível em: <http://www.mundojovem.com.br/bullying.php> acesso em 24 set. 2015.

TOGNETTA, LUCIENE Regina Paulino. **Um panorama Geral da violência na escola e o que se faz para combate-la**. Campinas: Mercado das Letras, 2010. Disponível em: <http://www.pjpp.sp.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/50.pdf>. Acesso em: 1 de maio de 2015.

TRINDADE, Alcione Melo. **Aspectos Psicossociais da Intimidação/Bullying**. Nova Criminologia.com.br Disponível em: <http://www.novacriminologia.com.br/artigos/leiamais/default.asp?id=1977> Acesso em: 17 de jul. 2015..